

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**OSCAR CARDOSO DA SILVA NETO**

O DIÁRIO DE ANNE FRANK: MEMÓRIA, NARRATIVA E CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA

Rio de Janeiro

2015

OSCAR CARDOSO DA SILVA NETO

**O DIÁRIO DE ANNE FRANK: MEMÓRIA, NARRATIVA E CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Orientador (a): Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

2015

S586d

Silva Neto, Oscar Cardoso da.

O diário de Anne Frank: memória, narrativa e construção  
identitária / Oscar Cardoso da Silva Neto. – 2015.  
42f. : il.

Orientador: Antônio José Barbosa de Oliveira.

Projeto Final II (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de  
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade  
Federal do Rio de Janeiro.

1. Memória. 2. Discurso. 3. Sujeito. 4. Narrativa. 5.  
Esquecimento. 6. O diário de Anne Frank. I. Oliveira, Antônio José  
Barbosa de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de  
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

CDD: 302.224.4

**OSCAR CARDOSO DA SILVA NETO**

**O DIÁRIO DE ANNE FRANK: MEMÓRIA, NARRATIVA E CONSTRUÇÃO  
IDENTITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
Unidades de Informação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 2015.

---

Prof. Antônio José Barbosa de Oliveira  
Doutor em Memória Social – PPGMS/UNIRIO  
**Orientador (a)**

---

Prof. Robson Santos Costa  
Mestre em Memória Social – PPGMS/UNIRIO  
**Professor Convidado**

---

Prof<sup>a</sup>. Maria Irene da Fonseca e Sá  
Doutora em Ciência da Informação – IBICT/UFRJ  
**Professora Convidada**

Dedico esse trabalho a toda minha família:  
minha mãe, meu pai e minha irmã e aos  
sacrifícios feitos por eles para que eu alcance  
meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Bem, primeiramente, eu gostaria de agradecer a Força Superiora, Divina, Sábia que permitiu que eu existisse. Eu não gostaria de nomeá-la como Deus, pois aí iríamos embarcar em questionamentos religiosos pessoais que, sinceramente, a essa altura do campeonato, eu não estou afim. Obrigado por me dar o sopro da vida e permitir que eu continue aprendendo e evoluindo como ser. Eu espero que você não estranhe essa forma de agradecer “meio-neutra”, é só que eu também não gostaria de parecer falso ao escrever:” Obrigado 100% por tudo!”. Se você permitir, eu adoraria chama-lo de Alá, pois dentre seus nomes é o meu favorito. Obrigado por tudo Alá. Obrigado por me dar de presente uma vida, uma ótima família, saúde e proteção por chegar até aqui nesse ponto da minha vida. Continue dialogando comigo sempre. Eu gostaria que nossa relação fosse mais próxima, mas enfim.....deixemos isso para o tempo e o meu amadurecimento.

Segundo, eu gostaria de agradecer por todas as noites mal dormidas, os cuidados, os sacrifícios, a educação, ao carinho, ao amor, incentivo, amor pelos livros e a TODOS os outros valores e ensinamentos, os bons e os não tão bons assim, a princípio à minha querida mãe-diva-maior-guerreira, Maria da Guia e ao meu pai-bondoso-guerreiro, Manoel. Dizer obrigado a vocês por tudo que me deram e possibilitaram para que hoje eu estivesse aqui é muito simples e pouco. Não existem palavras suficientes ou ações que paguem a vocês o sacrifício que fizeram para me possibilitar a chance de me tornar um universitário e, logo depois, uma pessoa formada. Acredito que, ao atingir essa conquista, eu esteja realizando de maneiras indiretas o sonho que meu querido pai e mãe não podem realizar. Gostaria de dizer que, apesar de seus defeitos, ora, pais também são adeptos da falha assim como um bebê, a tentativa que vocês tiveram em criar um filho foi muito bem produzida. Amo muito vocês.

Terceiro lugar, eu gostaria de agradecer a outra parte da minha família: as minhas tias Claudenice e Célia Felix, que durante a minha infância foram importantes figuras maternas. Obrigado tias por me ajudar a fazer os trabalhos de casa e as maquetes, além de sempre me apoiar em tudo na vida; Aos meus avós, eu também gostaria de agradecer: Vovôs Oscar e Osmar e Vovós Raimunda e Geralda. Eu gostaria de agradecer por todo afetado, amor, carinho e puxões de orelha que vocês me deram no curto tempo em que convivemos. Infelizmente, o vô Oscar e a vó Geralda não estão mais vivos para me ver finalizar esse importante ciclo da minha vida, mas espero que o meu amigo “Figura Divina” esteja deixando eles informados,

através de “possíveis caminhos de comunicação celestial”, que eu consegui. Mais um neto para meus vós Oscar e Geralda graduado e o primeiro dos meus vós Osmar e Raimunda. Vocês foram e são as figuras mais inspiradoras e fortes por viverem tudo o que vocês viveram. As dificuldades e faltas de oportunidades de uma terra seca e pobre como o interior da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Muitos de vocês nem tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever, porque o cabo da inchada estava chamando, então é com grande HONRA E ORGULHO chegar aqui e dizer que vocês tem um neto com diploma universitário.

Aos professores que me ensinaram no decorrer da vida: Tia Simone, do Colégio JTM, por ter me alfabetizado e sido uma incentivadora a leitura na minha vida; a Tia Fatinha, a Professora que tomava conta da Sala de Leitura da E. M. Rio Grande do Sul e a Professora de artes da turma 1501 do ano de 2002, cujo nome eu não lembro, mas que foi graças a ela que eu fui ao teatro pela primeira vez com 11 anos de idade; aos Professores Frazão, Flávia, Aida, Beth Jorge e Mariza do E. M. El Salvador. Definitivamente, os anos que eu estudei nesse colégio foram os mais felizes e significativos pra minha vida; Aos Professores: Leila Cohen e Oswaldo do Colégio Curso Martins e a Professora Máxima Gonçalves do Colégio Pedro II. Cada professor citado anteriormente corresponde a uma lembrança feliz e incentivo encontrado na vida durante o ensino básico. Após a chegada na faculdade, eu preciso agradecer, primeiramente, ao meu Orientador de Trabalho de Conclusão de Curso: Antônio. Obrigado pela orientação, pela disposição do seu tempo, em ler o que eu escrevi e me acalmar e também pelas ótimas aulas que o senhor dava. Além disso, um agradecimento bastante sincero e profundo a Andréa Queiroz, Diretora da Divisão de Memória Institucional do SiBI. Muito obrigado pela chance de ter sido bolsista do Projeto de Memória da UFRJ, eu tive oportunidade de trabalhar com algo que me só me despertou interesse durante a Faculdade, muito obrigado por essa chance. Também preciso agradecer aos professores: Robson Costa, Maria Irene, Nysia e Mazé. Muito obrigado por toda a paciência e por ser servirem como exemplos.

E, por último, mas não menos importante, eu gostaria de agradecer a TODAS as pessoas que fizeram parte da minha vida e me acrescentaram ÓTIMOS e IMPORTANTES momentos em algum período da minha vida, mesmo que não seja atualmente: OBRIGADO A: Clarice Garcia e Natacha Ferraz, minhas duas melhores amigas desde a época do Martins. Obrigado por disporem de seus tempos para ouvir meus desabafos, conselhos, pedidos de conselhos, gifs animados no Tumblr, conversas randômicas em lugares randômicos, idas a Parmê,

comentários sobre séries, filmes, livros, reclamações, sensibilidade, paciência, choros e ÓTIMAS risadas; a Jéssica Andrade, uma grande amiga desde a época do Pedro II. Obrigado por partilhar sonhos e expectativas comigo, papos profundos e grandes besteiros; a Michelle Caiado por ser uma irmã que a vida me deu. Obrigado por tudo nega. TODOS os momentos, conselhos e desabafos. A Camila Constantino, uma outra soul mate, dada pela UFRJ. Obrigado pelas risadas, broncas, conversas de baixo calão e discussões literárias também. Obrigado pelas ÓTIMAS GARGALHADAS durante toda a graduação: Isadora Costa e Ju Pinho. MUITO OBRIGADOOOOO a Leandro Borges, nego, vc é uma pessoa bastante INSPIRADORA. Muito obrigado por revisar a normalização desse trabalho. Gostaria de ter 0,1% da garra e determinação que você tem, muito obrigado mesmo. Os papos que a gente tinha no ônibus interno da UFRJ e as saídas com a Barbara Vitiello e o Henrique Siqueira serão sempre lembradas por mim, por favor não sumam, muito obrigado por elas. Vocês três são inspiradores. MUITO OBRIGADO a Cecilia Gabriele a todo o seu jeito bixa-fan-girl-de-Bem-Barnes-doctor-who papos randômicos, sérios e PUTCHARIAS ditas. Muito obrigado também por conhecer: Andressa Woonka, Nara, Tamara, Janaína, Vânia, Rafaele Lima, Wanderson, Michele, Rubia Luiza e Ju Machado, OBRIGADO por me ajudarem com palavras de incentivos e de alegria. NEGAS, vocês carregam alegria e leveza no interior de vocês. Ótima energia, gente! Agradecimentos aos colegas do curso de Biblioteconomia da Unirio: Verônica, Diana, Zé Gustavo, Diogo, Gabriela e Carol! E, por último, os agradecimentos são para as melhores pessoas com as quais eu já tive o prazer de trabalhar, a galera da Biblioteca do MAM: Verônica de Sá, minha ex-chefe, Marina, Tainá, Flávio, Joana, Aline e Carol. Obrigado pela oportunidade de trabalhar com vocês. Nossa, vocês são geniais, gente! Existem ainda pessoas que não foram citadas, só gostaria de dizer que estão todos citados em memória. Amo vocês!



*“A verdadeira viagem se faz na memória.”*  
(MARCEL PROUST).

SILVA NETO, Oscar Cardoso da. **O diário de Anne Frank**: memória, narrativa e construção identitária. 2015. 42f. Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma análise de conceitos estudados na disciplina História, Memória e documento referente ao livro “O diário de Anne Frank”. O objetivo do trabalho é expor os conceitos ligados ao gênero discursivo, memória individual e social e identidade do sujeito com base nos textos presentes no diário. Com isso, obter, através de análise, elementos que caracterizam: a formação do discurso estudado e o desempenho do papel do sujeito e do diário. Além disso, apresentar elementos que abordem o papel de atuação do esquecimento ao longo do processo com a apresentação de análise referente ao processo de edição do livro. É utilizada como metodologia a aplicação de uma revisão bibliográfica, adequando os conceitos teóricos a obra. Para se alcançar como resultado a atribuição de novos sentidos e um olhar crítico ao Diário.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Discurso. Sujeito. Diário. Anne Frank.

## **ABSTRACT**

This paper presents an analysis of concepts studied in the discipline History, Memory and document for the book "The Diary of Anne Frank". The objective is to expose concepts related to gender discourse, individual and social memory and identity of the subject based on the texts present in the diary. With this, get through analysis, elements that characterize the formation of the studied speech and the performance of the role of subject and journal. In addition, it provides the elements that address the role of oblivion behavior throughout the process with the analysis concerning the presentation of the book publishing process. It is used as a methodology to apply a literature review, adapting the theoretical concepts to work. To achieve results in the assignment of new meanings and a critical eye to the Journal.

**Keywords:** Memory. Identity. Speech. Subject. Diary. Anne Frank

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Tabela -</b>	Elementos que compõem as partes de um enredo, segundo Gancho, e os conceitos trabalhados por Michael Pollak na construção da memória social, com relação a obra “O diário de Anne Frank”
-----------------	--

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1	OBJETIVOS.....	10
1.1.1	Objetivo Geral .....	11
1.1.2	Objetivos Específicos .....	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	11
1.3	METODOLOGIA.....	12
1.4	INTRODUÇÃO À OBRA.....	12
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	21
2.1	GÊNERO DO DISCURSO NARRATIVO.....	21
2.2	DISCURSO.....	25
2.3	SUJEITO.....	27
2.4	MEMÓRIA SOCIAL .....	28
	<b>ANÁLISE DOS CONCEITOS BIBLIOGRÁFICOS COM O DIÁRIO DE</b>	
<b>3</b>	<b>ANNE FRANK</b> .....	33
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	41
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas pessoas, comuns ou personalidades políticas, adotam desde cedo o hábito de escreverem em seus diários. Entretanto, cada um desses indivíduos apresenta um mesmo propósito ao escrever no diário: eternizar seus pensamentos. Tornar imortal, com uma caneta na mão e em pedaços de papel acontecimentos corriqueiro do dia-a-dia, pensamentos íntimos ou registros de momentos históricos e políticos etc. Todas essas características são exemplos encontrados no Diário de Anne Frank.

Ao se ler e refletir sobre o livro “O Diário de Anne Frank”, o leitor consegue ser sensibilizado pelo testemunho de uma menina judia que passou grande parte da sua adolescência frente ao confinamento em um anexo no antigo escritório de seu pai. Anne nos relata em sua narrativa traços de sua fé e religiosidade, a prática das ações antissemitas durante a ocupação alemã na Holanda, o constante medo de todos serem descobertos, judeus e não judeus, de sofrerem as consequências da política nazista, a difícil convivência entre os moradores do anexo durante o cotidiano e, além, de seus sentimentos íntimos relacionados a Peter Van Pels.

O trabalho tem como foco fazer uma análise discursiva do livro “O Diário de Anne Frank”. À medida que se pretende expor os papéis desempenhados pelo diário, tanto como documento quanto recurso mnemônico. Assim, relaciona-se através de uma revisão bibliográfica a adequação de conceitos teóricos ligados: a construção da memória individual e social, a formação da identidade individual e cultural, a análise do discurso e da narrativa presentes na obra. Ademais, a atuação do esquecimento. Com isso, pretende-se concluir a existência de uma ligação conjunta entre os conceitos abordados no decorrer da produção do diário.

### 1.1 OBJETIVOS

A seguir, serão apresentados os objetivos que norteiam essa pesquisa. Os mesmos estão divididos entre Objetivo geral e Objetivos Específicos.

### **1.1.1 Objetivo Geral**

O Objetivo Geral da pesquisa é realizar uma análise do livro “O diário de Anne Frank”, relacionando-o com conceitos teóricos ligados a memória e a análise de discurso. Assim, possibilitando que se analise e exponha os diferentes papéis desempenhados pelo diário, como recurso mnemônico, e por Anne, como sujeito histórico e narradora dos registros.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Apresentar e analisar os conceitos aprendidos na disciplina Memória, História e Documento em relação a obra “O diário de Anne Frank” através da formação do discurso apresentado no registro.
- Apresentar e analisar a relação da obra com suas diferentes versões e edições.

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

A justificativa para a escolha do tema se deu através da existência de razões pessoais relacionadas a possibilidade de trabalhar questionamentos levantados durante a leitura do livro “O diário de Anne Frank”. Visto que seria possível conectar conceitos estudados em sala de aula pela disciplina Memória, História e Documento com a temática do livro. Além disso, a possibilidade e a intenção de poder levar adiante as questões ligadas ao “Diário de Anne Frank”, como suas características e análises de acordo com os conceitos trabalhados, para o desenvolvimento de uma futura Pós-Graduação ou Mestrado.

O diálogo entre os conceitos de Memória Social, Discurso, Identidade, Registros e Narrativas podem trazer ao próprio Bibliotecário novas formas de abordagens da Análise Documental, sobretudo suas materialidades textuais.

### 1.3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa foi proposta, baseada na leitura da obra “O diário de Anne Frank”, uma aplicação, segundo as perspectivas de revisão bibliográfica, a adequação de conceitos teóricos trabalhados por autores, como: Michael Pollak, Maurice Halbwachs e Joel Candau, ao registro de Anne Frank. Sendo esses autores e seus conceitos estudados na disciplina de História, Memória e Documento do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A metodologia usada ao longo do trabalho é caracterizada por ser uma revisão bibliográfica, entretanto, além disso, ela também é caracterizada por ser um experimento. Pois é trabalhada ao longo da monografia a adequação dos conceitos bibliográficos a uma obra. Portanto, é esperado que se obtenha como resultado a atribuição de novas reflexões baseada em conceitos teóricos ao Diário.

### 1.4 INTRODUÇÃO À OBRA

Annelies Marie Frank, mais conhecida como Anne Frank, foi uma menina judia que nasceu na Alemanha no ano de 1929, filha de um banqueiro e de uma dona de casa. Aos 4 anos de idade, sua família se viu obrigada a se mudar da Alemanha para a Holanda, devido a chegada de Adolf Hitler ao poder, e daí, conseqüentemente, fugir das hostilidades antissemitas realizadas neste período. Em seu aniversário de treze anos, Anne ganhou de seus pais, como presente de aniversário, um diário para expor suas opiniões, desabafos e pensamentos íntimos. No seu primeiro registro realizado no dia 12 de junho de 1942, Anne escreve: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 2012 p. 13).

Em suas primeiras impressões, Anne registra acontecimentos rotineiros e comuns ou especiais na vida de uma menina adolescente. Entre os vários exemplos desses registros, está: o feito do dia 14 de junho de 1942, no qual Anne narra o momento que ganhou o diário como presente de aniversário:

Vou começar a partir do momento que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado e com isso eu não contava.) Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas, o que não é de se espantar; afinal, era meu aniversário. [...] pouco depois das sete horas, fui ver papai e mamãe e, depois, fui à sala abrir meus presentes, e *você*



foi o primeiro que vi, talvez um dos meus melhores presentes. [...] (FRANK, 2012, p. 14).

Ou uma descrição pessoal relacionada a seus amigos de escola, no dia 15 de junho de 1942:

[...] Vou começar dizendo algumas coisas sobre minha escola e minha turma, a começar pelos alunos. Betty Bloemendaal parece meio pobre, e acho que talvez ela seja. [...] Ela se dá muito bem na escola, mas é porque estuda muito, e não porque seja inteligente. É muito quieta. Jacqueline van Maarsen, é talvez, minha melhor amiga, mas nunca tive uma amiga de verdade. No começo, achei que Jacque seria uma, mas estava redondamente enganada. [...] Maurice Coster é um dos meus muitos admiradores, mas é uma peste. [...] (FRANK, 2012, p. 15-17).

Ainda como registro, podemos mencionar o que Anne fez no dia 20 de junho de 1942, “[...] não quero anotar neste diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de *Kitty* [...]” (FRANK, 2012, p. 19). Passando, a seguir a anotações que fazem uma breve recapitulação da sua história pessoal e da situação social, na qual os judeus se encontram na Europa:

[...] Eu nasci em 12 de junho de 1929. Morei em Frankfurt até completar 4 anos. Como éramos judeus, meu pai emigrou para a Holanda em 1933. [...] Levávamos uma vida cheia de ansiedade, pois nossos parentes na Alemanha estavam sofrendo com as leis de Hitler contra os judeus. Depois dos pogroms de 1938, meus dois tios (irmãos da minha mãe) fugiram da Alemanha. Refugiando-se na América do Norte. [...] Depois de Maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida a chegada dos alemães, e foi então que começaram o sofrimento dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes; [...] os judeus deveriam frequentar escolas judias. [...] Nós quatro ainda estamos bem, e isso me traz à data atual de 20 de junho de 1942, e à inauguração solene do meu diário (FRANK, 2012, p. 19-21).

Entre os dias 20 de junho e 1 de julho de 1942 há mais narrativas de cunho pessoal e de referências ao cotidiano familiar e escolar registradas no diário. Contudo, no dia 08 de julho de 1942, Anne registra o recebimento de uma notificação da SS, que ocasionará em uma drástica mudança na sua vida:

[...] Fiquei pasma. Uma notificação: todo mundo sabe o que isso significa. Visões de campos de concentração e selas solitárias passaram por minha mente. Como poderíamos deixar papai ir para um destino assim?

- Claro que ele não vai – declarou Margot, enquanto esperávamos mamãe na sala de estar. – Mamãe foi procurar o Sr. Van Daan, para perguntar se podemos ir amanhã para o esconderijo. A família van Daan vai conosco. Vamos ser sete no total. [...] Margot falou que a notificação não era para papai, e, sim, para ela. [...] Margot tem 16 anos – parece que eles querem mandar as garotas da idade dela para longe, sozinhas. Mas graças a Deus ela não vai; mamãe mesmo tinha dito, e devia ser isso que papai quis dizer quando falou em irmos nos esconder. Esconder...onde nos esconderíamos? Quando, onde, como...? [...] (FRANK, 2012, p. 31-32).

No dia 09 de julho de 1942, Anne Frank narra no diário a sua ida ao esconderijo e suas características físicas:

Querida Kitty, e lá estávamos, papai, mamãe e eu, andando debaixo da chuva torrencial, cada qual com uma pasta de escola e uma bolsa de compras cheia até a borda com as coisas mais variadas. As pessoas a caminho do trabalho, naquela hora da manhã, nos dirigiam olhares simpáticos; dava para ver pelos rostos que eles lamentavam não poder oferecer algum tipo de transporte; a estrela amarela falava por si. [...] O esconderijo ficava no prédio do escritório de papai. [...] Uma escada de madeira liga o corredor de baixo ao terceiro andar. No alto da escada há um patamar com portas dos dois lados. [...] A porta da direita do patamar leva ao Anexo Secreto nos fundos da casa. [...] Há somente um pequeno degrau na frente da porta, e você entra direto. Logo na frente fica uma escada íngreme. À esquerda há um corredor estreito indo até um cômodo que serve de sala de estar e quarto para a família Frank. Ao lado fica um cômodo menor, o quarto e o local de estudo das duas moças da família. À direita da escada fica um lavatório sem janela, com uma pia. A porta do canto dá no toalete e a outra no nosso quarto, meu e de Margot. Se você subir e abrir a porta no alto da escada, terá a surpresa de ver um cômodo tão grande, claro e espaçoso numa casa antiga junto ao canal como esta. No cômodo tem um fogão [...] e uma pia. Aqui será a cozinha do Sr. e da Sra. van Daan, bem como uma sala de estar, de jantar e de estudos de uso comum. E, então, à semelhança da parte baixa do prédio, há o sótão. Agora já lhe apresentei todo o nosso querido anexo secreto! Sua Anne (FRANK, 2012, p. 33-37).

Após a sua chegada e a de sua família ao Anexo Secreto, Anne passa a retratar parte do seu cotidiano e de sua família, além dos seus sentimentos íntimos. No dia 11 de julho, Anne relata “[...] O Anexo é um lugar para se esconder. Pode ser úmido e torto, mas provavelmente não há esconderijo mais confortável em Amsterdã. Nem em toda a Holanda. [...]” (FRANK, 2012, p. 38).

Ontem à noite nos quatro descemos ao escritório particular e ouvimos as notícias pelo rádio. Fiquei tão apavorada com a possibilidade de alguém escutar que literalmente implorei a papai que me levasse de novo para cima. [...] Não importa o que façamos, temos muito medo de que os vizinhos possam nos ver ou ouvir. [...] você sabe, é o silêncio que me deixa tão nervosa nos fins de tarde e à noite, e eu daria tudo para uma das pessoas que nos ajudam dormir aqui. [...] Ontem ficamos com as mãos ocupadas. Tivemos de descarregar dois caixotes de cerejas para o Sr. Kugler enlatar. Vamos usar os caixotes vazios para fazer estantes de livros [...] Tenho muitos sonhos, mas a realidade é que precisamos ficar aqui até o fim da guerra [...] (FRANK, 2012, p. 39-41).

Ainda retratando o medo que sentia, Anne acrescenta um comentário no seu diário no dia 28 de setembro de 1942: “Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, claro, é uma perspectiva muito desalentadora” (FRANK, 2012, p. 38).

No dia 1 de outubro de 1942, escreve: “Ontem tive um medo terrível. Às oito horas, a campainha da porta tocou de repente. Só pude pensar que alguém estava vindo nos pegar, você sabe de quem estou falando. Mas me acalmei quando todo mundo jurou que deveriam ser moleques ou o carteiro” (FRANK, 2012, p. 60).

No dia 17 de novembro de 1942, Anne Frank registra a chegada de mais uma pessoa para morar no Anexo Secreto. Para isso, ela resolve criar normas de convivência do Anexo:

Prospecto e Guia para o Anexo Secreto: Instalação especial destinada à acomodação temporária de judeus e outras pessoas desalojadas. [...] Rádio particular em linha direta com Londres, Nova York e Tel-Aviv [...] Podem-se ouvir transmissões proibidas, com algumas exceções, ou seja, estações alemãs só podem ser sintonizadas para ouvir música clássica. É terminantemente proibido ouvir noticiários alemães [...] e repassa-los a outras pessoas; Atividades livres: Ninguém pode sair de casa até a segunda ordem; Uso da linguagem: É necessário falar baixo o tempo todo. Somente devem ser faladas línguas de pessoas civilizadas, portanto, nada de alemão; Leitura e Diversão: Nenhum livro alemão deve ser lido, a não ser os clássicos e as obras didáticas (FRANK, 2012, p. 79).

No dia 07 de dezembro de 1942, Anne descreve como foi o *Hanukkah*, uma celebração religiosa judaica, a qual se mantinha no Anexo Secreto:

Querida Kitty, O *Hanukkah* e o Dia de São Nicolau quase coincidiram este ano; faltaram apenas alguns dias de diferença. Não fizemos muita agitação pelo *Hanukkah*, apenas trocamos alguns presentes e acendemos as velas. Como as velas estão escasseando, só acendemos durante dez minutos, mas como cantamos a canção, isso não importou. O Sr. van Daan fez um castiçal de madeira, portanto nada faltou (FRANK, 2012, p. 85).

No dia 13 de dezembro de 1942, desabafa:

[...] Nossos pensamentos mudam tão pouco quanto nós. Parecem um carrossel, indo dos judeus à comida, da comida à política. A propósito, falando de judeus: ontem vi dois, quando estava espiando pela cortina. Senti como se estivesse olhando as Sete Maravilhas do Mundo. Tive uma sensação esquisita, como se eu houvesse denunciado à autoridade e agora estivesse espiando sua infelicidade [...] (FRANK, 2012, p. 89).

No dia, 29 de setembro de 1942, Anne Frank narra alguns dos exemplos de desconfortos, sob o qual os membros que vivem no Anexo convivem, dentre eles, a tomada de banho: “Acontecem as coisas mais estranhas quando a gente está escondida! Tente imaginar uma coisa. Como não temos banheira, tomamos banho numa tina, e, como só há água quente no escritório [...], nós sete nos revezamos para aproveitar [...] (FRANK, 2012, p. 58).

Apesar de viverem isolados fisicamente do mundo externo, os clandestinos que varavam os dias e as noites no Anexo Secreto conseguiam notícias do mundo de fora por intermédio do rádio ou do relato de situações vividas ou presenciadas pelos amigos holandeses que os ajudavam, como são os exemplos de: Victor Kugler, Johannes Kleiman, Miep Gies e Elisabeth (Bep) Voskuijl. Anne relata no dia 09 de outubro de 1942:

Querida Kitty, hoje só tenho notícias tristes e deprimentes. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes. A Gestapo está tratando todos eles muito mal e transportando-os em vagões de gado para Westerbork, o grande campo em Drenthe, para onde estão mandando todos os judeus. [...] As pessoas não tem praticamente nada para comer, já que só existe água uma hora por dia, e há somente um banheiro e uma pia para vários milhares de pessoas. Homens e Mulheres dormem no mesmo cômodo, e as mulheres e as crianças costumam ter as cabeças raspadas. [...] Acreditamos que a maioria está sendo assassinada. A rádio inglesa diz que eles estão sendo mortos por gás. [...] Outro dia, por exemplo, uns guardas da Gestapo largaram uma velha judia aleijada na porta de Miep, enquanto saíam para procurar um carro. A velha estava aterrorizada com os faróis antiaéreos e os canhões atirando nos aviões ingleses lá em cima. Mas Miep não teve coragem de levá-la para dentro. Os alemães são bem generosos quando se trata de punição. [...] Você já ouviu falar na palavra refém? É a punição definitiva para os sabotadores. É a coisa mais horrível que você pode imaginar. Cidadãos importantes – gente inocente – são levados como prisioneiros para esperar a execução. [...] Excelentes espécimes da humanidade, esses alemães, e pensar que na verdade sou um deles! Não, isso não é verdade! Hitler retirou nossa nacionalidade há muito tempo. E, além disso, não há maiores inimigos na terra do que alemães e judeus (FRANK, 2012, p. 65-67).

No dia 05 de novembro de 1942, escreve notícias da guerra: “Querida Kitty, finalmente os ingleses conseguiram algumas vitórias na África e Stalingrado ainda não caiu, por isso os homens estão contentes e bebemos café e chá hoje de manhã” [...] (FRANK, 2012, p. 73).

Como no dia 09 de novembro de 1942, escreve:

[...] A maior surpresa veio do Sr. van Daan, que informou imediatamente que os ingleses haviam desembarcados em Túnis, Argel, Casablanca e Orã. “É o princípio do fim”, dizia todo mundo, mas Churchill, o primeiro-ministro inglês, que devia ter ouvido a mesma coisa sendo repetida na Inglaterra, declarou: “Isto não é o fim. Não é nem mesmo o princípio do fim. Mas talvez seja o fim do princípio.” Percebe a diferença? Mas há motivo para otimismo. Stalingrado, a cidade russa que está sob ataque há três meses, ainda não caiu na mão dos alemães. [...] Ps: O rádio acaba de anunciar que Argel caiu. Marrocos, Casablanca e Orã estão há vários dias nas mãos dos ingleses. Agora estamos esperando por Túnis (FRANK, 2012, p. 74-75).

No dia 18 de março de 1943, escreve: Querida Kitty, a Turquia entrou na guerra. Grande empolgação. Esperamos ansiosamente os noticiários pelo rádio (FRANK, 2012, p. 101).

E, no dia 19 de março de 1943, desmente a informação data anteriormente:

Querida Kitty, Em menos de uma hora, a alegria foi substituída pela decepção. A Turquia ainda não entrou na guerra. Foi somente um ministro falando que a Turquia abandonaria sua neutralidade dentro de pouco tempo. O vendedor de jornais da Praça Dam gritava “A Turquia entra ao lado da Inglaterra”, e os jornais eram arrancados de suas mãos. Foi assim que ouvimos falar daquele boato animador. [...] O *Führer* esteve falando com os soldados feridos, Nós ouvimos pelo rádio, e foi patético. As perguntas e as respostas eram do tipo: - Meu nome é Heinrich Scheppel. – Onde foi ferido? – Perto de Stalingrado. Que tipo de ferimento é? – Dois pés congelados e uma fratura no braço esquerdo. Esse é um relatório exato do abominável show de marionetes transmitidos pelo rádio [...] (FRANK, 2012, p. 101-103).

No dia 19 de novembro de 1942, escreve um relato do Sr. Dussel relacionado à ida dos judeus com os alemães para os Campos de Concentração:

[...] O Sr. Dussel contou muita coisa que não sabíamos do mundo lá fora. Ele tinha notícias tristes. Incontáveis amigos e conhecidos foram levados para um destino terrível. Noite após noite, veículos militares verdes e cinza cruzam as ruas. Eles batem em todas as portas, perguntando se ali mora algum judeu. Em caso positivo, toda a família é levada embora. [...] É impossível escapar de suas garras a não ser que você se esconda. Eles costumam andar com listas, só batendo nas portas onde sabem que há uma grande captura a ser feita. Costumam oferecer recompensa, tantos florins por cabeça. [...] À noite, quando está escuro, costumo ver longas filas de gente boa e inocente com crianças chorando, andando sem parar, controladas por um punhado de homens que as empurram e batem até elas quase caírem. Ninguém é poupado. Os doentes, os velhos, as crianças, os bebês e as mulheres grávidas – todos são forçados a marchar em direção à morte [...] (FRANK, 2012, p. 81).

No dia 27 de fevereiro de 1943, Anne escreve com relação a notícias ouvidas sobre figuras políticas, como Churchill e Gandhi, além de uma carta direcionada ao povo holandês do Bispo:

Querida Kitty, Pim espera a invasão para qualquer dia. Churchill teve pneumonia, mas está ficando melhor. Gandhi, o defensor da liberdade na Índia, está fazendo mais uma de suas incontáveis greves de fome. [...] Jan trouxe para nós a carta que o Bispo escreveu a seus fiéis. É linda e inspiradora. “Povo dos Países Baixos, erga-se e aja. Cada um de nós deve escolher as próprias armas para lutar pela liberdade de nosso país, de nosso povo e de nossa religião! Ajudem e apoiem. Ajam agora!” É isso que estão pregando no púlpito. Será que vai servir de alguma coisa? É definitivamente tarde demais para ajudar nossos companheiros judeus [...] (FRANK, 2012, p. 96).

No dia 29 de março de 1944, Anne relata o objetivo do discurso do primeiro-ministro holandês que escutou pelo rádio:

Querida Kitty, O Ministro Bolkestein, falando no noticiário holandês transmitido da Inglaterra, declarou que depois da guerra farão uma coletânea de diários e cartas que falem da guerra. Claro que todo mundo se lembrou imediatamente do meu diário. Imagine como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto. [...] Sério, dez anos depois da guerra, as pessoas achariam muito interessante ler sobre como vivemos, o que comemos e sobre o que falamos como judeus escondidos. Apesar de eu contar a você muita coisa sobre nossa vida, você ainda sabe muito pouco a nosso respeito [...] (FRANK, 2012, p. 255).

Com o passar do tempo no Anexo, outras pessoas, também vítimas do antissemitismo, foram se juntando a Família Frank, dentre eles estão: os membros da Família van Pels (Auguste, Hermman e Peter) e o dentista Fritz Pfeffer, cujos nomes e sobrenomes foram trocados por Anne no decorrer da narrativa, passando a se chamarem: Família van Daan (Petronella, Hermman e Peter) e o dentista, Albert Dussel. No dia 14 de julho, Anne escreve:

Os van Daan chegaram no dia 13 de julho. Achávamos que eles vinham no dia 14, mas entre os dias 13 e 16 os alemães mandaram convocações para tudo quanto é lado, causando muita preocupação [...] Peter van Daan chegou às nove e meia da manhã.

Peter vai fazer 16 anos, é um garoto tímido e sem graça, cuja companhia não vai fazer muita diferença. O Sr. e a Sra. van Daan chegaram meia hora depois [...] (FRANK, 2012, p. 42).

No dia 10 de novembro de 1942, escreve a decisão tomada pelos integrantes do Anexo em permitir a chegada de mais um membro:

Ótimas notícias! Estamos planejando trazer uma oitava pessoa para se esconder conosco! [...] Nós sempre achamos que havia espaço e comida suficientes para mais uma pessoa, mas tínhamos medo de colocar um fardo ainda maior nos ombros do Sr. Kugler e do Sr. Kleiman. Mas, como as notícias das coisas horríveis que estão sendo feitas contra os judeus ficam pior a cada dia, papai decidiu sondar esses dois senhores, e eles acharam o plano excelente. [...] Depois de papai ter rejeitado todos os parentes dos van Daan, escolhemos um dentista chamado Albert Dussel [...] (FRANK, 2012, p. 75-76).

No dia 12 de novembro de 1942, escreve a falta de cuidado que o Sr. Dussel aparentemente possui com relação ao seu esconderijo:

Miep veio contar que se encontrou com o Dr. Dussel. [...] Ela acrescentou que ele teria de se esconder o mais rápido possível, [...] mas ele achou isso altamente improvável, porque queria, atualizar seus registros, pagar as contas e atender alguns pacientes. [...] Não achamos sensato esperar tanto. Todas aquelas preparações exigem explicações a várias pessoas que, segundo nossa opinião, não deveriam saber de nada. [...] Acho estranho ele não ter vindo imediatamente depois de nossa proposta. Se o pegarem na rua, seus registros ou seus pacientes não vão ajudar em nada. Então, por que o adiantamento? Se você me perguntar, eu digo que é burrice de papai dar trela para ele (FRANK, 2012, p. 76-77).

Para que, finalmente, no dia 17 de novembro de 1942, escrevesse a chegada do Sr. Dussel ao Anexo: “O Sr. Dussel chegou. Tudo deu certo. Miep disse para ele estar num local determinado diante do correio às onze da manhã [...] Eram onze e vinte quando o Sr. Dussel bateu na porta do escritório” (FRANK, 2012, p. 77).

Sua opinião pessoal com relação as pessoas, suas brigas ou encantamentos, além das relações entre os membros do Anexo entre si, são constantemente encontrados ao longo do diário. No dia 21 de setembro de 1942, Anne escreveu: “[...] A Sra. van Daan é insuportável. Vive brigando comigo porque falo sem parar quando estou lá em cima. Eu simplesmente deixo as palavras saírem da minha boca [...]” (FRANK, 2012, p. 49).

No dia 21 de agosto de 1942, Anne escreve de maneira enérgica a sua antipatia pelo filho do casal van Daan, Peter van Daan:

[...] Não acho que Peter esteja ficando melhor. Ele é um garoto antipático que fica na cama o dia inteiro, somente se levantando para fazer um trabalho de carpintaria antes

de voltar a dormir. Que idiota! Mamãe me deu outro de seus sermões horrorosos hoje de manhã. Nós temos uma visão oposto em relação a tudo [...] (FRANK, 2012, p. 44).

Contudo, no dia 06 de janeiro de 1944, Anne registra uma mudança de seus sentimentos com relação a Peter van Daan:

Querida Kitty, Meu desejo de ter alguém com quem conversar ficou tão insuportável que, de algum modo, enfiei na cabeça que tinha que escolher Peter. Nas poucas ocasiões em que fui até o quarto de Peter de dia, sempre achei que era um lugar bom e aconchegante. Mas Peter é educado demais pra mandar alguém embora, mesmo quando está sendo importunado, por isso nunca ousei ficar muito tempo [...] (FRANK, 2012, p. 173).

No dia 02 de setembro de 1942 escreve as brigas que aconteciam entre o casal van Daan:

O Sr. e a Sra. van Daan tiveram uma briga terrível. Eu nunca tinha visto nada igual, já que papai e mamãe nem sonhariam em gritar um com o outro daquele jeito. A discussão se baseou em alguma coisa tão boba que nem merecia que se gastasse uma só palavra [...] (FRANK, 2012, p. 45).

E, no dia 03 de setembro de 1942 descreve um desabafo com relação a sua própria mãe:

[...] Simplesmente não suporto mamãe, e tenho de fazer força para não gritar com ela o tempo todo e para ficar calma quando tenho vontade de lhe dar um tapa na cara. Não sei por que criei uma aversão tão grande por ela. [...] Consigo imaginar mamãe morrendo algum dia, mas a morte de papai parece inconcebível [...] (FRANK, 2012, p. 62).

No decorrer da narrativa do diário, Anne vai acrescentando suas opiniões baseadas em releituras deste. Há um comentário acrescentado por ela em 22 de janeiro de 1944, na qual faz uma referência aos assuntos que abordava no início do diário e a forma como se reportava a sua família neles:

Eu não seria capaz de escrever esse tipo de coisa. Agora eu estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com a minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderei ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários sobre Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso somente ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro como sendo muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas. [...] (FRANK, 2012, p. 72).

Dentre os anos de 1942 e 1944, os registros no Diário de Anne Frank ficou basicamente focado em suas opiniões e expressões pessoais com relação aos acontecimentos relacionados a guerra, ao holocausto, a convivência das pessoas no Anexo Secreto e a si mesma. No dia 01 de Agosto de 1944, Anne realizava o último feito em seu diário:

Querida Kitty, “Um feixe de contradições”, foi como terminei minha carta anterior e é início desta. Por favor, pode dizer exatamente o que é um feixe de contradições? O que significa contradição? [...] Como já disse muitas vezes, sou partida em duas. Um lado contém minha exuberância, minha petulância, minha alegria na vida e, acima de tudo, minha capacidade de apreciar o lado mais leve das coisas. Com isso quero dizer que não vejo nada errado nas paqueras, num beijo, num abraço, numa piada pesada. [...] Ninguém conhece o lado melhor de Anne, e é por isso que muita gente não me suporta. [...] Na verdade, sou aquilo que um filme romântico representa para um pensador profundo – uma simples diversão, um interlúdio cômico, algo a ser esquecido. [...] Você não pode imaginar quantas vezes tentei empurrar para longe essa Anne, que é somente a metade do que se conhece como Anne – derrubá-la, escondê-la. Mas isso não funciona, e sei por quê. [...] tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se...se não houvesse mais ninguém no mundo. Sua Anne M. Frank (FRANK, 2012, p. 344-346).

Após esse dia, todos os fatos ocorridos passaram a ser conhecidos devido a entrevistas ou depoimentos dados por testemunhas já citadas no diário, ou não. No dia 04 de Agosto de 1944, um carro parou na rua que se encontrava o escritório de Otto Frank. Desse carro saíram um sargento da SS uniformizado, e no mínimo, três membros holandeses da Polícia de Segurança. Eles prenderam as oito pessoas que estavam escondidas no Anexo, além de Victor Kugler e Johannes Kleiman. Depois de presos, os oitos moradores do Anexo foram levados para uma prisão em Amsterdã e depois transferidos para Westerbork, campo de triagem de judeus no norte da Holanda. Em 03 de setembro de 1944, foram deportados e chegaram três dias depois em Auschwitz (Polônia).



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo desse projeto propõe apresentar uma análise relacionada ao discurso narrativo de Anne Frank com os fundamentos teóricos relacionados à memória individual e social, além da possibilidade de relacionar com questões ligadas à identidade. Além disso, a designação do papel do esquecimento no decorrer do processo de construção da narrativa do diário.

### 2.1 GÊNERO DO DISCURSO NARRATIVO

A língua é empregada para realizar formas de enunciados que são produzidas por integrantes pertencentes às diferentes atividades humanas para finalidades de transmissão de ideias, relatórios de pesquisas científicas. Os enunciados criados refletem as condições específicas e objetivas de acordo com cada campo, não apenas pelo conteúdo (temático) ou pelo estilo da linguagem, mas acima de tudo, pela construção composicional. Segundo Bakhtin (2011, p.262), todos os três elementos – Conteúdo Temático, o Estilo e a Construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Os gêneros do discurso são as próprias particularidades dos campos de discurso utilizados pela língua. Para Bakhtin (2011, p. 266) uma determinada função “[...] e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciações estilísticas, temáticos e composicionais relativamente estáveis”. Essas particularidades são consequências do constante crescimento e complexidade que um determinado campo de atividade vai adotando, gerando uma extrema heterogeneidade.

Devido à presença dessa extensa heterogeneidade de atividades humanas, há uma gama de estilos linguísticos atuantes que estão ligadas as essas determinadas esferas, possuindo característica indissolúvel ao enunciado e aos seus gêneros do discurso. A estilística é um componente importante incorporado ao gênero do discurso. Segundo Bakhtin (2011, p. 265) todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou

seja, aos gêneros do discurso. Com isso, o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento, chegando à conclusão que onde exista estilo haverá um tipo de gênero.

A atuação do estilo individual em um texto pode ser analisada ou encontrada antes da produção do discurso. Através de uma escolha realizada pelo interlocutor, ao escolher sob qual o gênero que preferirá trabalhar, e da inserção de uma entonação expressiva. Assim, a intenção do discurso do falante, carregado de individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido. Para Bakhtin (2011, p. 282), a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero discursivo de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes. São fatores relacionados, como por exemplo, à situação dos locutores, posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação que poderá determinar qual gênero de discurso trabalhar.

Em análise à relação ao contexto político, histórico e social retratado ao longo do livro “O Diário de Anne Frank”, o gênero discursivo diário pessoal escolhido pela narradora do livro seria o que melhor poderia retratar os fatos mais relevantes, importantes e testemunhais que a experiência de viver na clandestinidade poderia gerar. Segundo Gancho (2006, p. 7), a narrativa pode ser apresentada como um gênero devido ao modo que conta direta ou indiretamente um acontecimento ocorrido. A narrativa é estruturada a partir de cinco elementos: os fatos, os personagens, o tempo determinado e o lugar. A presença do narrador é outro fator fundamental para uma narrativa, segundo Gancho (2006, p. 30), a narrativa sem a presença do narrador não existe história, pois ele é o elemento estruturador da história.

O enredo é um dos elementos mais importantes que compõe a narrativa. Ele se caracteriza por ser um conjunto dos fatos de uma história. Existem duas questões fundamentais a serem observadas no enredo: sua estrutura e a sua natureza ficcional. A verossimilhança se relaciona com a natureza ficcional do enredo e é um conceito bastante aplicado na narrativa. Ela é a lógica interna do enredo, que torna o texto verdadeiro para o leitor. A credibilidade se deve a organização lógica dos fatos dentro do enredo e da relação entre os elementos da história. Na

análise de narrativas, essa relação com a verossimilhança é percebida na relação causal do enredo.

Os fatos de um enredo são elementos ligados ao tempo em diferentes níveis, como: à época que se passa a história, que nem sempre coincide com a época, na qual a história foi publicada; a duração da história, na qual para se identificar a qual tempo-época a história pertence se deve fazer um levantamento dos índices do tempo; o Tempo cronológico; e, o Tempo psicológico que possui como ordem cronológica o desejo ou a imaginação do narrador ou das personagens. Esse índice está ligado ao enredo não linear.

As partes do enredo servem para compreender o conflito, que é o elemento que estrutura as partes.

O conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõem a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Em geral, o conflito se define pela tensão criada entre o desejo da personagem principal (isto é, sua intenção no enredo) e alguma força opositora, que pode ser uma outra personagem, o ambiente, ou mesmo algo do universo psicológico. (GANCHO, 2006, p. 13).

Na conclusão sobre enredo ainda existe a narrativa psicológica. Nesta, os fatos nem sempre são evidentes, pois não equivalem as ações da personagem, mas aos movimentos interiores. Estes movimentos seriam os fatores emocionais que comporiam o enredo psicológico, se acentuando como enredo de ação.

O conflito irá determinar as partes estruturais do enredo. E eles se apresentam como são: a Exposição que, geralmente, coincide com o começo da história, na qual se apresentam os fatos iniciais, os personagens, e algumas vezes, o tempo e o espaço. Em geral, é na Exposição que o leitor se situa diante da história, ficando clara a intenção do enredo; Complicação é a parte que se desenvolve o conflito. A complicação constitui a maior parte da narrativa, na qual agem as forças opostas como catalisadores do conflito; o clímax é o momento de maior tensão na história, no qual o conflito chega ao seu ponto máximo. Também é o ponto de referência para outras partes do enredo que se organizam em função dele; e, por último, o desfecho. Este é a solução dos conflitos valendo dizer que se configura num final feliz ou não.

A personagem é outro elemento da narrativa pertencente à ficção e é responsável pelo desempenho do enredo. As personagens podem ser classificadas de acordo com o papel desempenhado no enredo, elas são: protagonista, a personagem principal; o anti-herói, o protagonista que possui características iguais ou inferiores ao grupo ao qual pertence; antagonista, a personagem que se opõe ao protagonista; e, as personagens secundárias que possuem uma importância menor na história ou na participação.

As personagens também podem ser classificadas de acordo com sua caracterização, entre elas: as personagens planas são caracterizadas por serem pouco complexas ou se caracterizam por possuírem um pequeno número de atributos. Elas se subdividem entre o tipo, personagem caracterizado por características típicas e invariáveis. Sejam elas morais, sociais, econômicas. A caricatura, personagem reconhecido por características fixas e ridículas, geralmente presentes em histórias de humor; e, as personagens redondas que apresentam mais características do que as planas. Estas podem ser classificadas em físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Outros elementos presentes em uma narrativa são espaço e o lugar. Eles possuem como principal função situar as ações dos personagens estabelecendo com eles uma interação. O espaço pode ser caracterizado em uma narrativa por trechos descritivos. O termo espaço só é designado para conceituar um lugar físico no decorrer da história. Para a designação de um lugar psicológico se emprega o termo ambiente.

A caracterização deste pode ser um lugar carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas. Essas características do ambiente são denominadas clima e os climas são apresentados como um conjunto de determinantes que cercam a personagem. O ambiente possui como função: situar as personagens no tempo e espaço, de acordo com as condições em que vivem; Ser um tipo de projeção dos conflitos vividos pela personagem; e, estar em conflito com as personagens, através do fornecimento de índices para o andamento do enredo.

Quanto a sua forma, a narrativa pode ser classificada entre os gêneros: versos e prosas. O ritmo da linguagem será o fator que irá determinar a distinção entre os dois modos de classificação do gênero. “O ritmo é a condição do poema, enquanto inessencial para a prosa. Pela violência da razão, as palavras se desprendem do ritmo.” (GANCHO, 2006, p. 7 apud PAZ, 1976). Assim, Concluindo, que a poesia é caracterizada pela sonoridade da linguagem e

a prosa, pelo seu encadeamento lógico. Os tipos de narrativa em prosa mais populares são: o romance, a novela, o conto e a crônica, entretanto, o tipo de narrativa em prosa, no qual a pesquisa está atrelada é o gênero diário pessoal.

## 2.2 DISCURSO

O discurso é outra ferramenta importantíssima para a análise da narrativa. Para compreender o gênero discursivo é necessário anteriormente compreender a multiformidade da língua e o emprego dessa língua através dos enunciados (escrito ou oral).

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por conteúdo (temático) e pelo escrito da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261).

O gênero discursivo apresenta particularidades próprias. Essas particularidades são consequências do seu constante crescimento e complexidade que um determinado campo vai adotando, gerando uma extrema heterogeneidade. Devido a essa multiformidade, foram criadas duas formas de classificação: os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexo).

A diferença atribuída aos gêneros vai além das diferenças funcionais. Os gêneros discursivos secundários são definidos através do complexo convívio cultural. Como exemplos do gênero secundário, existem: os romances, dramas, pesquisas científicas. Ao longo de seu processo de formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários, que são transformados nas condições de uma comunicação discursiva imediata. Assim, se perde o vínculo com a realidade concreta.

Graças à extrema grandeza dos gêneros, existe uma necessidade de que a natureza do enunciado seja estudada, descoberta e definida através de uma análise das suas modalidades. O seu estudo é de grande importância para quase todos os campos da atividade humana. Contudo, o enunciado, não sendo estudado corretamente poderá acarretar em problemas presentes nos campos e na linguística, entre eles a estilística.

A estilística propõe que todo estilo está totalmente ligado ao enunciado e às suas formas típicas.

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Dentre as condições encontradas, o individualismo pode ser menos caracterizado nos discursos que empregam alguma forma de padronização. Apesar de não fazer parte do estilo do enunciado, o individualismo se apresenta como produto complementar do enunciado. Todavia, ele pode adotar, mesmo num campo padronizado, um caráter de atuação através da sua reciprocidade com a língua nacional, gerando problemas referentes ao enunciado.

Outra questão que se revela nitidamente são os estilos de linguagem ou funcionais. Na qual, é reconhecido por sua atuação específica correspondente com as condições específicas de dado campo. A determinação de uma função relata as condições da comunicação discursiva, auxiliando na geração de determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e - o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro etc (BAKHTIN, 2011, p. 266).

A citação acima afirma que não existe uma classificação dos estilos de linguagem que tenha um reconhecimento geral. As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão completamente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso. Assim, a separação dos estilos com relação aos gêneros se apresenta de maneira nociva em relação aos aspectos históricos. Cria-se uma ligação entre os gêneros discursivos com os enunciados fazendo uma transmissão entre a história da sociedade e a da linguagem.

Os gêneros secundários e os primários participam da evolução da linguagem literária. A aplicação da linguagem literária entre as diferentes camadas extraliterárias do idioma interliga todos os gêneros, em maior ou menor grau, gerando uma reconstrução e renovação dos gêneros discursivos. Como exemplo, os estilos individuais e os da linguagem se enquadram nos gêneros do discurso, pois ao recorrer até aos níveis não literários do idioma nacional se está recorrendo aos gêneros existentes nessa camada.

O papel da gramática na relação estilística apresentam características de convergência e divergência entre qualquer fenômeno concreto da linguagem. O campo que corresponde ao estudo dessa fronteira se denomina sintagma. Como exemplo, o estudo de um enunciado que corresponde a um fenômeno concreto da linguagem. No conjunto do enunciado do gênero estudado se pode definir como fenômeno estilístico, porém se, apenas, for analisado o sistema da linguagem que o compõe se estaria diante de um fenômeno gramatical.

### 2.3 SUJEITO

Enquanto nas obras de ficção o narrador não é o autor do texto, mas uma entidade fictícia, nos textos ficcionais fica claro que não se deve levar em consideração a vida pessoal do autor para justificar as ideias do narrador, pois fica difícil para o leitor tomar um posicionamento entre os limites da realidade e da ficção. Entretanto, na autobiografia não temos a apresentação clara dos fatos, mas uma interpretação subjetiva dela feita pelo próprio autor.

Os dois termos usados pelos manuais de análise literária para destacar o papel do narrador na história: o foco narrativo e o ponto de vista. Assim, se apresentam os narradores de primeira e terceira pessoa como os dois tipos de narradores existentes. O narrador de terceira pessoa seria o que se apresenta fora dos fatos narrados, portanto sua visão tende a ser mais imparcial. Este narrador também é conhecido como narrador observador e possui como principais características: a onisciência e a onipresença.

O narrador de primeira pessoa ou narrador personagem é aquele que não é onipresente e onisciente, devido a sua participação direta no enredo como qualquer personagem. As variantes dos narradores de primeira pessoa são: o narrador testemunha, que geralmente, é o personagem principal. Entretanto, este vai narrando acontecimentos dos quais já participou; enquanto, o narrador protagonista é o personagem central.

Além disso, de acordo com Bakhtin (2011, p. 265) todo enunciado – oral e escrito “[...] em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual”. Essa é uma das características mais atuantes ao longo do discurso narrativo realizado por Anne Frank em seu diário. O estilo individual usado por Anne pode estar relacionada ao uso de uma linguagem íntima que é característica do gênero diário pessoal.

## 2.4 MEMÓRIA SOCIAL

O estudo da memória muitas vezes se torna um problema visto do ponto de vista histórico, pois vários historiadores acadêmicos não a considerada como uma fonte metodológica segura que possa apreender em seus vestígios, aquilo que se pode relacionar no decorrer de uma pesquisa. Entretanto Pollak (1992, p. 201), destaca que o grande problema relacionado ao uso da memória como fonte histórica está relacionado na interpretação do seu material. Principalmente, porque a memória não obedece necessariamente uma designação de construção dos fatos ou acontecimentos correspondentes à linha cronológica histórica.

Inicialmente, se entende que a memória é um fenômeno individual, mas segundo Halbwachs (19??, p. 201 apud POLLAK, 1992), também havia destacado a memória como evento coletivo e social. No qual, esse fenômeno construído pelo coletivo sofre flutuações e constantes mudanças. Como marcação dessas flutuações é possível apontar, como exemplo, os pontos invariantes ou imutáveis. A presença de tais elementos que possuem uma solidificação tão profunda que é impossível que ocorra alguma mudança.

A memória é constituída por elementos que são: os acontecimentos vividos individualmente; seguido, pelos acontecimentos “vividos por tabela” que são as experiências vividas pelo grupo a qual o indivíduo pertence. Algumas vezes, esses acontecimentos não são vividos diretamente pela pessoa, entretanto em seu imaginário a ação tomou um grande papel, que ela não saberia distinguir se participou ou não. Um exemplo desse tipo de elemento da memória ocorrido na prática seria a criação de uma associação política ou histórica, ocorrendo uma projeção ou identificação com o passado. Esse aspecto Pollak (1992, p. 201) definiria como uma quase memória herdada.

Os outros elementos que também constituem a memória é a presença de pessoas ou personagens, além da existência dos lugares. Os lugares da memória podem estar ligados a uma lembrança pessoal ou podem não ter um apoio do tempo cronológico, sendo algumas vezes apoiado pela cronologia política. A capacidade de seleção da memória é um fator bastante importante para a sua construção.

As flutuações pelas quais a memória passa são importantes durante seus momentos de articulação ou expressão, além das preocupações sofridas pelo o indivíduo nesse momento,



auxiliando fortemente em sua estruturação memorial. Um dos trabalhos importantes realizados com a memória, tanto individual quanto social, é o seu enquadramento. Durante o seu enquadramento, ela trabalha com a seletividade para valorizar certas lembranças em relação a outras.

O trabalho da própria memória em si mesma também é um enquadramento, no qual durante o processo ela efetua um trabalho de manutenção da coerência, da unidade e da continuidade. “Enfim, admite-se geralmente que a memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas” (CANDAU, 2012, p. 10). Concluindo, assim que a construção social possui uma relação dialógica com o outro.

A relação da memória com a identidade está baseada na “retroalimentação” que elas possuem. Através de um estudo antropológico se pode classificar a memória entre: a protomemória, uma memória de baixo nível que não pode ser destacada das atividades em curso e das suas circunstâncias. O *habitus* é o grande dependente da protomemória. A relação existente entre eles é caracterizada por ações primárias imersas no indivíduo sem questionamento. Segundo Bourdieu (1997, p. 79), o passado não é representado, mas age pelo corpo. A protomemória se caracteriza por ser uma memória imperceptível.

As outras classificações abordadas serão: a própria memória em si ou, também, denominada de memória de alto nível. Ela possui como característica ser o núcleo memorial, além de ser constituída por recordações. Essa memória é composta também do esquecimento, podendo utilizar para seu benefício às extensões artificiais para a sua preservação; e por último, a metamemória que é a representação ou interpretação que cada indivíduo faz da própria memória.

A protomemória é o tipo de memória que está ligado diretamente com a construção da identidade. Tanto a protomemória quanto a memória de alto nível são dependentes diretamente da faculdade da memória, enquanto a metamemória é uma representação relativa a essa faculdade. As três classificações da memória ocorrem ao mesmo momento e possuem um grande grau de importância para analisar as características da identidade e da memória em um dado contexto.

A identidade individual e a cultural são construções representativas que estão interligadas, sendo elas construídas conscientemente ou inconscientemente. O sentido de identidade está conectado com a representação que o indivíduo faz da sua imagem para si mesmo e para os outros, e conseqüentemente, terá a sua imagem construída e reconhecida por ele mesmo e pelos outros. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual quanto coletiva [...]” (POLLAK, 1992, p. 201).

Para a construção da identidade há três elementos essenciais: o primeiro, a presença de uma unidade física. A presença dessa unidade pode ser tanto relacionada ao corpo ou o grau de pertencimento a um grupo; o segundo elemento seria a existência de uma continuidade dentro do tempo, denotando o seu sentido físico, além da inclusão do sentido moral e psicológico; e por último elemento, o sentimento de coerência. O sentimento de coerência é definido pela harmonização dos diferentes elementos que compõe a unificação do indivíduo.

A identidade individual existe de acordo com a presença da negociação e da reapropriação. Essas características são responsáveis pela viabilização e flexibilização da memória frente aos conflitos existentes. Segundo Pollak (1992, p. 205), os conflitos são gerados pela disputa de valores entre a memória e a identidade. Todavia, essa disputa é acarretada devido ao surgimento de milhares de motivos e diversificações da memória, na qual apenas uma será valorizada culturalmente perante a construção da identidade política de um país por exemplo.

A construção da identidade cultural remete a uma norma de vínculos baseados nas oposições simbólicas. A criação dos processos de inclusão e exclusão dos diferentes atores que colocam em ação as estratégias de designação de características reais ou fictícias, recursos simbólicos utilizado em detrimento provisoriamente ou definitivamente descartados. De acordo com Cuche (1999, p. 177), a identidade cultural aparece como uma unidade que caracteriza similarmente ou diferentemente os indivíduos de acordo com suas diferenças culturais. A pessoa é levada a interagir e interiorizar os modelos culturais que lhe são impostos, até o ponto de se identificar com o grupo de origem.

Apesar disso, a identidade ainda é analisada como algo que preexiste ao indivíduo. A identidade cultural é vista como uma cosubstancia de uma determinada cultura e o conhecimento do contexto, na qual ela está inserida é essencial para analisar o porquê em alguns momentos ela é afirmada e em outros ela é reprimida. Com isso, o papel da memória

ao longo do estudo analítico identitário se torna fundamental, pois ela e a identidade apresentam uma ligação de dependência mútua.

O esquecimento apresenta um papel de grande destaque no processo de construção e representação da memória e da identidade. Segundo Halbwachs (1968), existem forças que atuam em diferentes pontos de referência durante a estruturação da memória. As extensões da memória são exemplos desses pontos, sendo exemplificadas através: dos monumentos históricos, das datas, tradições e costumes. Para Pollak (1989, p. 3), essas extensões são referências empíricas para a memória coletiva, cuja entre suas características está o reforçamento das fronteiras socioculturais.

Contudo, se relata que a seletividade da memória não é a única característica que concilia a memória coletiva e individual, mas sim seu processo de “seletividade”.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 1968, p.12).

A capacidade do reconhecimento de uma característica problemática em uma memória coletiva constata a inversão das perspectivas que são marcadas nos trabalhos atuais relacionados ao fenômeno da seletividade. A aplicação da memória coletiva é adotada como característica construtiva relacionada à memória e a identidade pessoal. A atuação do esquecimento e da seletividade nesse processo pode gerar, por exemplo, a escolha de uma memória coletiva como oficial a privilegiando em relação à outra memória. Segundo Pollak (1989, p. 3), o estudo referente à memória que foi excluída é denominado memória subterrânea, no qual, o trabalho da subversão no silêncio é afluído em momentos de crises. Como consequência, a memória entra em um cenário de disputa.

Uma das razões atribuídas ao silêncio da memória e ao seu esquecimento está relacionada à violência sofrida pelo indivíduo durante sua construção memorial. Pois, segundo Pollak (1989, p. 5), isso consiste em um crescimento de ressentimentos acumulados ao longo do tempo e da memória, atribuindo um papel de dominação e sofrimentos que jamais puderem ser apresentadas publicamente. Entretanto, o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a forma de resistência que uma sociedade ou indivíduo

impotente pode encontrar para se opor aos discursos oficiais. Em alguns exemplos, como no caso dos judeus sobreviventes ao holocausto, as vítimas que compartilhavam as lembranças traumatizantes preferiram guardar silêncio logo ao fim à guerra.

As principais razões estão relacionadas ao medo de que a sociedade os culpe e ao sentimento de vergonha. Para que essas lembranças possam ser levadas para o público, a vítima precisa encontrar uma escuta. A organização dessa lembrança está articulada com a vontade das vítimas de denunciarem seus opressores. No qual, o papel do opressor é definido por aqueles que suprimem a existência desses tipos de depoimentos a memória oficial, conduzindo as vítimas ao silêncio, esquecimento e renegação própria.

As fronteiras entre as memórias “não-ditas” com o esquecimento estão em um constante deslocamento. A análise das memórias subterrâneas é uma das saídas para o reconhecimento que o presente possui como aspecto descobridor referente aos fatos passados. Com isso, existe a exigência de certas lembranças que correspondem às ênfases dadas a um ou outro aspecto.

O enquadramento da memória é baseado na coesão interna e na defesa dos aspectos que o grupo tem em comum. Para trabalhar com o enquadramento da memória de um grupo é necessário levar em consideração seus limites, devendo, assim, satisfazer a exigências e justificativas. Entre eles estão: tentar não levar a sério qualquer justificativa imperativa que corresponde às ações humanas. A História é a grande fonte de alimentação para a realização do enquadramento da memória, sendo devidamente interpretado e combinado com as devidas referências. Entretanto, os limites desse trabalho de enquadramento com relação a memória individual revela o psicológico do indivíduo.

As tensões entre a memória oficial e a memória subterrânea é o denominador comum a todas elas, intervindo na definição do consenso social e nos conflitos que são determinados em certos pontos. Contudo, nenhum grupo, indivíduo ou organização aparentemente sólido pode ter uma segurança firmada na sua perenidade. Além de que, as memórias estão suscetíveis a serem apresentadas de acordo com o contexto, na qual elas estão inseridas.

### 3 ANÁLISE DOS CONCEITOS BIBLIOGRÁFICOS COM O DIÁRIO DE ANNE FRANK

Os gêneros do discurso são as próprias particularidades dos campos de discurso da língua. Para Bakhtin (2011, p. 266) uma determinada função “[...] e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciações estilísticas, temáticos e composicionais relativamente estáveis”. Ao longo do livro “O Diário de Anne Frank”, o gênero discursivo característico e predominante é o gênero diário. Sua característica principal é a subjetividade e a premissa de que o conteúdo redigido em suas páginas ficará circunscrito à própria pessoa que a escreve. Ainda, apresenta como característica, a capacidade de exercitar a memória profundamente intimista de experiências pessoais vivenciadas a partir de lembranças e esquecimentos, levando a uma dimensão reflexiva. Como exemplo, a citação do dia 15 de junho de 1942, na qual Anne relata:

[...] Vou começar dizendo algumas coisas sobre minha escola e minha turma, a começar pelos alunos. Betty Bloemendaal parece meio pobre, e acho que talvez ela seja. [...] Ela se dá muito bem na escola, mas é porque estuda muito, e não porque seja inteligente. É muito quieta. Jacqueline van Maarsen, é talvez, minha melhor amiga, mas nunca tive uma amiga de verdade. No começo, achei que Jacque seria uma, mas estava redondamente enganada. [...] Maurice Coster é um dos meus muitos admiradores, mas é uma peste. [...] (FRANK, 2012, p. 15-17).

Entretanto, também foi detectado no decorrer da análise discursiva do diário a existência de uma mistura de gêneros. Além do gênero diário encontrado, há também a inserção do gênero carta, no decorrer dos seus textos. Essa análise se deu a partir da criação de uma personificação de seu diário feita por Anne, na qual ela norteia a maioria dos seus registros, chamando-a de “*Kitty*”, caracterizando assim, a transição entre os gêneros. Como exemplo, há um trecho de registro realizada no dia 07 de dezembro de 1942, na qual Anne relata a celebração do Hanukkah no Anexo:

**Querida Kitty,** O *Hanukkah* e o Dia de São Nicolau quase coincidiram este ano; faltaram apenas alguns dias de diferença. Não fizemos muita agitação pelo *Hanukkah*, apenas trocamos alguns presentes e acendemos as velas. Como as velas estão escasseando, só acendemos durante dez minutos, mas como cantamos a canção, isso não importou. O Sr. van Daan fez um castiçal de madeira, portanto nada faltou. (FRANK, 2012, p. 85).

A atuação do estilo individual em um texto pode ser analisada ou encontrada antes da produção do discurso e definida pela escolha do interlocutor. Assim, a intenção do discurso do

falante, carregado de individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido. Para Bakhtin (2011, p. 282), a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero discursivo de discurso. A partir disso, há um registro do diário referindo-se a uns de seus primeiros escritos, do dia 20 de junho de 1942, na qual Anne relata: “[...] Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada, não quero anotar nesse diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar essa amiga de *Kitty*. [...]” (FRANK, 2012, p. 19).

A estilística é um componente importante incorporado ao gênero do discurso. Segundo Bakhtin (2011, p. 265) todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Com isso, o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento, chegando à conclusão que onde exista estilo haverá um tipo de gênero. Em razão dessa transição de gêneros discursivos encontrados no “Diário de Anne Frank”, ao criar “*Kitty*”, Anne conduz seus enunciados tendo o outro/“*Kitty*” como interlocutor. E nesse sentido, além de possuir uma dimensão reflexiva baseada na elaboração de lembranças e esquecimentos de experiências vividas por ser um diário, o escrito passa também a ter uma dimensão dialógica com “*Kitty*”.

A dimensão dialógica entre Anne e “*Kitty*” e a possível razão de sua criação pode ser justificada baseada na existência de um conforto, por parte de Anne, em poder desabafar situações conflitantes de sua vida. A necessidade da existência de uma figura companheira e grande amiga, que a escute sem expressar ou pensar julgamentos ligados as suas atitudes acaba nos sendo revelados em depoimentos realizados por Anne Frank, na qual ela narra sua relação conflitante com a mãe. Como por exemplo, o trecho do dia 03 de setembro de 1942:

[...] Simplesmente não suporto mamãe, e tenho de fazer força para não gritar com ela o tempo todo e para ficar calma quando tenho vontade de lhe dar um tapa na cara. Não sei por que criei uma aversão tão grande por ela. [...] Consigo imaginar mamãe morrendo algum dia, mas a morte de papai parece inconcebível [...] (FRANK, 2012, p. 62).

A seguir, serão apresentadas reflexões ligadas a dimensão entre Gênero Literário e Memória no “O diário de Anne Frank”, no qual estão exemplificados nos fragmentos destacados anteriormente. Primeiramente, o sentido de identidade está conectado com a representação que o indivíduo faz da sua imagem para si mesmo e para os outros, e consequentemente, tendo a sua imagem construída e reconhecida por ele mesmo e pelos outros ao longo dos

processos de ressignificação. “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade [...], e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Ainda, se relata que a seletividade da memória não é a única característica que concilia a Memória coletiva e individual, mas sim seu processo de “seletividade”.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 1968, p.12).

No diário de Anne Frank, a construção da identidade se dá no decorrer do exercício memorialístico realizado por Anne ao escrever em seu diário. O diário é um recurso mnemônico, no qual se pode registrar em suas páginas fatos ocorridos no passado, pertencentes a um passado irremediavelmente perdido. Enquanto ele está sendo elaborado é possível gerar novas interpretações da experiência vivida, dando a elas novas significações. Portanto, as questões ligadas a experiência, ao lembrar e ao esquecer, ao ressignificar, ao registrar por meio da escrita essas experiências vividas, são características que corroboram para a construção de identidades. Com isso, Anne Frank, ao presenciar e vivenciar o holocausto vai se ressignificando na medida em que for elaborando seu diário. Diferentemente da dimensão da oralidade, a escrita nos força a certa reelaboração do pensamento.

Segundo Pollak (1992, p. 204), as flutuações pelas quais a memória passa são importantes durante seus momentos de articulação ou expressão, além das preocupações sofridas pelo o indivíduo nesse momento, auxiliando fortemente em sua estruturação memorial. A citação anterior configura uma importante dimensão da memória, na qual dentre suas importantes características está a operação por deslocamentos e rupturas. Ao recorrer o recurso mnemônico do diário, Anne explicita no texto determinadas formas de lembrar de suas experiências, como por exemplo, a frase usada na citação do dia 22 de janeiro de 1944: “[...] Agora eu estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com a minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderei ser tão inocente de novo [...]”. (FRANK, 2012, p. 72).

Com isso, apesar de sua pouca idade, Anne Frank passou por situações traumáticas que tendem a ressignificar suas experiências pessoais e perceber as experiências de uma época

tranquila como ligada a uma dimensão da infância, de acordo com a análise feita do trecho do diário acima. Outra característica interessante encontrada é que Anne Frank dá ao leitor do diário a impressão de que ela está passando por um processo de radical mudança e amadurecimento. Contudo, essa mudança não ocorre necessariamente devido a um grande deslocamento temporal.

Uma análise importante ao ser avaliada com relação a característica do diário é dele não ser uma obra continua. Ao ser escrito no decorrer do tempo, e após um longo período, a pessoa que começou a escrevê-lo volta a reler seus primeiros registros dessa obra literário não-ficcional, não há um reconhecimento imediato entre a mesma pessoa que escreveu suas primeiras páginas e a que está relendo depois de um tempo. A partir dessa reflexão, se constata o processo de constante transformação na concepção de identidade e como a escrita pode ser um elemento poderoso para essa elaboração. Essa afirmativa pode ser evidenciada no registro feito por Anne Frank no dia 22 de abril de 1944:

Eu não seria capaz de escrever esse tipo de coisa. Agora eu estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com a minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderei ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários sobre Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso somente ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro como sendo muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas. [...] (FRANK, 2012, p. 72).

**Tabela** - Elementos que compõem as partes de um enredo, segundo Gancho, e os conceitos trabalhados por Michael Pollak na construção da memória social, com relação a obra “O diário de Anne Frank”:

Enredo	O enredo é um dos elementos mais importantes que compõe a narrativa. Ele se caracteriza por ser um conjunto dos fatos de uma história.	A memória é constituída por elementos que são: os acontecimentos vividos individualmente; seguido, pelos acontecimentos “vividos por tabela” que são as experiências vividas pelo grupo a qual o indivíduo pertence	No diário de Anne Frank, o enredo é baseado nos escritos registrados em diário feito por uma menina judia que vivenciou o Holocausto e a invasão dos nazistas à Holanda durante a Segunda Guerra Mundial.
--------	--	---	---



Conflitos	O conflito é o elemento que estrutura as partes. O conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõem a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor.		O conflito se dá a partir do amadurecimento pessoal de Anne Frank com relação a sua família, seus companheiros de clandestinidade, seus conflitos íntimos e pessoais, além do medo de serem descobertos no Anexo Secreto.
Personagens	A personagem é outro elemento da narrativa pertencente à ficção e é responsável pelo desempenho do enredo. Elas se subdividem entre o tipo, personagem caracterizado por características típicas e invariáveis. Sejam elas morais, sociais, econômicas.	Os outros elementos que também constituem a memória é a presença de pessoas ou personagens, além da existência dos lugares.	A personagem histórica do diário, Anne Frank e Kitty, uma personificação do diário. Além dos moradores do Anexo Secreto: Hermann van Pels, Otto Frank, Auguste van Pels, Peter van Pels, Fritz Pfeffer, Edith Frank, Margot Frank; e as pessoas que os ajudavam: Victor Kugler e Johannes Kleiman, Miep Gies e Elisabeth Voskuijl.
Espaço/ Lugar	Eles possuem como principal função situar as ações dos personagens estabelecendo com eles uma interação. O espaço pode ser caracterizado em uma narrativa por trechos descritivos. O termo espaço só é designado para conceituar um lugar físico no decorrer da história.	Os lugares da memória podem estar ligados a uma lembrança pessoal ou podem não ter um apoio do tempo cronológico, sendo algumas vezes apoiado pela cronologia política.	Dentre os lugares estão: o Anexo Secreto, sua casa, o Liceu Judaico

### Fonte/Autor

No decorrer da construção da narrativa do diário de Anne Frank, é percebido como Anne vai ancorando o próprio fato de lembrar suas experiências, ao se valer de características que compõem a estrutura de uma narrativa. Dessa maneira, toda evocação memorialística tem como característica a subjetividade, mas ao mesmo tempo, ela se ancora em elementos que vão além do indivíduo. O trabalho de Memória social nessa exemplificação, em nenhum momento, exclui a perspectiva de interpretação do indivíduo.

Inicialmente, se entende que a memória é um fenômeno individual, mas segundo Halbwachs (19??, p. 201 apud POLLAK, 1992), também havia destacado a memória como evento coletivo e social. A memória é constituída por elementos que são: os acontecimentos vividos individualmente; seguido, pelos acontecimentos “vividos por tabela” que são as experiências vividas pelo grupo a qual o indivíduo pertence.

Concluindo assim, que há uma dimensão subjetiva e individual e ao mesmo tempo, social, coletiva e histórica. A dimensão subjetiva e individual se corresponde a estrutura do diário e de seu exercício mnemônico. Enquanto a dimensão social, coletiva e histórica está correspondendo ao fato de Anne Frank não ser uma menina desligada do seu tempo e lugar, apresentando característica de um sujeito histórico.

O esquecimento desempenha um papel de grande destaque no processo de construção e representação da memória e da identidade. Segundo Halbwachs (1968), existem forças que atuam em diferentes pontos de referência durante a estruturação da memória. As extensões da memória são exemplos desses pontos, sendo exemplificadas através: dos monumentos históricos, diários e costumes, além de poder atuar no nível consciente e inconsciente. A partir disso, todos os registros escritos na obra faz parte de um esforço que certamente ocultou, não deliberadamente, uma série de outras possibilidades e fatos ligados ao ocorrido. Nesse sentido, o diário mais do que ser a capacidade de registrar um acontecimento, é um exercício de interpretação. Ele não é a totalidade da experiência, e enquanto exercício mnemônico, mas sim o resultado de uma evocação que sempre dá luzes para determinados pontos do que para outros. Sendo assim, nessa dimensão, incompleto.

Anne Frank começou a escrever seu diário em 12 de junho de 1942 até 01 de agosto de 1944. No princípio, Anne o guardava para si, até o dia em que ouviu um membro do governo holandês no exílio, Gerrit Bolkestein, declarando no rádio que, depois da guerra, esperava recolher testemunhos oculares do sofrimento do povo holandês sob a ocupação alemã e que estes pudessem ser disponíveis ao público. Referindo-se principalmente a cartas e diários. Impressionada, Anne decidiu que publicaria um livro a partir do seu diário quando a guerra terminasse, e assim começou a reescrever e a organizar o diário, melhorando o texto, omitindo passagens que não achava interessantes e acrescentando outras de memória. Ao mesmo tempo que redigia o seu diário pessoal.

*The Diary of Anne Frank: The Critical Edition* de 1989 é a primeira edição do diário de Anne sem cortes, sendo citado como a versão a para diferenciá-lo da versão alterada conhecida como versão b. Após a guerra, Otto Frank, o pai de Anne, resolve realizar o desejo da filha e publicar o diário. Para isso, a existência dessas duas versões se deriva um trabalho de seleção e edição de material das versões a e b resultando em uma versão c. Havia certos questionamentos pessoais que levaram Otto Frank a fazer a edição do diário, como por exemplo: o desconforto da existências a passagens pouco elogiosas de Anne a sua mãe e aos outros moradores do Anexo, a abordagem de temas ligado a sexualidade e a adequação de um tamanho curto para a publicação pelo editor holandês.

A partir do que foi apresentado anteriormente, segundo Rouso (1996, p. 5), [...] o testemunho assim como o arquivo dito escrito revelam por sua própria existência uma falta [...]. Ao se constatar que todo arquivo é o indício de uma falta e toda forma de registro de memória é uma sucessão consecutiva de lembranças e esquecimentos, toda obra editada é um resultado, senão final ou parcial de opções de registros, silenciamentos, cortes, censuras, edições editoriais. Nessa dimensão, toda obra que se remete a uma construção memorialística é sempre inacabada. Se ela for editada, ela estará sujeita a tudo que vem nessa operação de editoração.

Segundo Bakhtin (2011, p.262), todos os três elementos – Conteúdo Temático, o Estilo e a Construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. É ainda entendido, segundo Garcia (2003, p.134) que, “[...] o discurso materializa o contato entre o ideológico e o linguístico [...]”, sendo assim, o discurso possui uma dimensão que associa as formas discursivas a concepções ideológicas. Portanto, os registros do diário de Anne Frank estão associados a uma determinada formação discursiva que está ancorada em experiências históricas e ideológicas, trazendo no decorrer da história formas conscientes ou inconscientes de enunciação, utilizações de determinados recursos gramaticas ou palavras. Concluindo, que é a partir da impregnação da ideologia nas formas de enunciação que é possível compreender o discurso.

Segundo Garcia (2003 apud PÊCHEUX; ORLANDI, 1990, p. 26), “[...] a evidência subjetiva, situa-a como um efeito ideológico e inconsciente – isto é, a forma-sujeito é afetada [...] por uma instância psicológica [...]”. Mais adiante, baseado na noção da tese de Garcia (2003 apud

ALTHUSSER, 1970; ZIZEK, 1996, p. 131) a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. Com isso é constatado que o sujeito para análise do discurso é o indivíduo transpassado pela ideologia. Nos registros de Anne Frank, sua presença atua como sujeito e a do diário como resultando memorialístico de uma experiência individual e social, na qual é aplicada uma nova ressignificação. Sendo essa ressignificação aplicada tanto para Anne como indivíduo e sujeito quanto para obra, enquanto um registro de uma experiência individual e uma experiência maior e mais geral.

O último registro do diário é feito no dia 01 de agosto de 1944. No dia 04 de Agosto de 1944, um carro para na rua que se encontrava o Anexo Secreto. Desse carro saíram um sargento da SS uniformizado, e no mínimo, três membros holandeses da Polícia de Segurança. Eles prenderam as oito pessoas que estavam escondidas no Anexo, além de Victor Kugler e Johannes Kleiman. Depois de presos, os oito moradores do Anexo foram levados para uma prisão em Amsterdã e depois transferidos para Westerbork, campo de triagem de judeus no norte da Holanda. Em 03 de setembro de 1944, foram deportados e chegaram três dias depois em Auschwitz (Polônia). Apesar de ir, apenas, a um determinado ponto, o desfecho da história é conhecida por conta dos depoimentos dos sobreviventes e da Memória Social.

#### 4 CONCLUSÃO

Conclui-se que, que fica claro e visível nas partes destacadas que pertencem a obra “O Diário de Anne Frank”, que há uma conjunção interligadas entre Memória, Gêneros Discursivos, Identidades e Construções Identitárias ao longo deste processo. Fica-se visível ao analisar os fragmentos que os conceitos literários utilizados não são estanques ou separados, mas sim estão atuando conjuntamente na narrativa. A narrativa da obra se apresenta como uma narrativa memorialística que transita entre o Gênero Diário e o Gênero Carta, permeado por uma Memória Histórica que faz com que o leitor do “Diário de Anne Frank” tenha algumas pré-disposições a partir da Memória Histórica gravada em filmes, documentários ou livros já antecipa para o leitor. Sendo assim, um conjunto de fatores que estão atuando na conjunção da obra e em sua leitura posteriori.

Anne Frank, uma simples adolescente de origem germânica e judia, permeada de várias dúvidas, medos, esperanças, receios, raiva, sonhos, alegrias e sensibilidade; analogamente, não muito diferente dos adolescentes que são encontrados nas grandes cidades e em suas periferias e que testemunham, assim como Anne, uma guerra que vitimam milhares a cada ano. Contudo, foi a partir das palavras escritas, que Anne deixou que, uma pequena parte do que ela foi, estará vivo por gerações. Essa é a verdadeira magia da vida: conseguir dobrar a distância do tempo e do espaço, ou até a barreira da vida, a partir da palavra.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado [Notas para uma investigação]. In: Žižek, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Médiations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 3. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. 207 p. (*Série Princípios*).
- GARCIA, Tyrza Myga. A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. **Working papers em linguística**, [Santa Catarina]: UFSC, n. 7, p. 121-140, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1968, p.12.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista! Discurso do confronto**: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990. (*Biblioteca da Educação, Série 5, Estudos de linguagem*, v. 5).
- PÊCHEUX, Michel et al. Apresentação da análise do discurso (1982). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 253-282. (*Coleção Repertórios*).
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-13, 1989.
- \_\_\_\_\_. Memória e identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- ROUSSO, Henry. O arquivo ou indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, p 1-7, 1996.